Os Animais dos Mistérios



Os Animais dos Mistérios

Série Cristal 2

Lectorium Rosicrucianum



Copyright © 1994 Rozenkruis Pers, Haarlem, Holanda
Título original:
MYSTERIEDIEREN
Tradução da edição alemã de 1994
MYSTERIENTIERE

2005
IMPRESSO NO BRASIL

LECTORIUM ROSICRUCIANUM
ESCOLA INTERNACIONAL DA ROSACRUZ ÁUREA

Sede Internacional
www.rozenkruis.nl
info@rozenkruis.nl

Brasil
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Portugal
info.portugal@rosacruzaurea.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Os animais dos mistérios / Equipe do Lectorium Rosicrucianum; ilustração e tradução da equipe. – Jarinu, SP: Rosacruz, 2004 – (Série cristal; 2).

ISBN: 85-88950-17-0

1. Animais – Aspectos simbólicos
2. Hermetismo 3. Rosacrucianismo
4. Simbolismo
I. Lectorium Rosicrucianum II. Série

04-6821 CDD 135.43

Índices para catálogo sistemático:
1. Rosacrucianismo : 135.43

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Rosacruz
Caixa Postal 39 – 13.240 000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel (11) 4016.4234 – fax 4016.3405
www.editorarosacruz.com.br
info@editorarosacruz.com.br

ÍNDICE

	Prólogo	*9*
1	A fênix	*11*
2	A fênix e o pelicano	23
3	O unicórnio – símbolo da força divina	33
4	A pomba, o corvo, o unicórnio e o leão	47
5	Quando a águia voa, o Espírito desperta	61
6	O grifo	67
7	O enigma da esfinge	75
8	O caminho da esfinge para a grande pirâmide	87

CAPÍTULO I

A FÊNIX

A lenda sobre a fênix que aqui apresentamos, provavelmente a mais conhecida, é atribuída ao norte-africano Lactâncio, que viveu da segunda metade do século III à primeira metade do século IV. Ele foi aluno do também norte-africano Arnóbio que, durante a perseguição aos cristãos, sob o domínio do Imperador Dioclesiano, nos anos 304 a 305, escreveu uma obra contra o paganismo. Lactâncio, que também escreveu diversas obras, tinha aptidão para idiomas e era fluente em latim, sendo por isso cognominado "o Cícero cristão". O Imperador Constantino, o Grande, nomeou-o, no ano 317, em Trier, professor de seu filho César Crispus. Porém, cremos que sua retidão e ortodoxia são comparáveis às dos "pais e doutores da igreja" que só aceitavam dos "pagãos" aquilo que se enquadrava em seu sistema e não representava risco sob qualquer ponto de vista.

A fênix é um antiqüíssimo símbolo dos seres humanos. Existem incontáveis estudos sobre a origem dessa herança e sobre a iconografia e a

temática que a envolvem. Também na Bíblia há referências a essa ave prodigiosa como, por exemplo, no Livro de Jó (29:18): "Em meu ninho expirarei e viverei por muito tempo como a fênix"[3]. A principal característica dessa criatura dos mistérios é a indestrutibilidade de sua vida. E esse desejo de permanecer vivo, seja como for, é a marca do antigo Egito: a morte é o nascimento de uma nova vida. Seu culto da morte era uma avassaladora negação da morte e da aniquilação, pois, de acordo com o Livro Egípcio dos Mortos, a pior punição para um egípcio era: "Eles, que praticam a maldade, já não existirão [...], já não poderão ver o sol"[4].

A fênix é o *benu* egípcio, um dos símbolos fundamentais do mundo religioso do antigo Egito. O radical do qual deriva a palavra *benu* significa "elevar-se, luzir, manifestar-se, brilhar, iluminar". *Benu*, a fênix, é a imagem primordial da ave, do primeiro ser que surgiu na terra elevando-se da água. Em outras palavras, é a luz que se manifesta, o mito solar novamente reconhecível.

Podemos depreender como eram vivenciadas a morte e a ressurreição no antigo Egito a partir de citações de diversos autores, tais como:

"A religião egípcia é uma religião natural, isto é, está indissoluvelmente ligada à vida natural [...]. Ano após ano, o homem via a vida provir da morte, sem qualquer causa aparente. A cada ano ele via a vida desaparecer de maneira incompreensível nas misteriosas profundezas da morte."[5]

"É certo que o egípcio tinha aversão à morte. Ainda assim, presumivelmente, morria resignado, pois estava firmemente convencido de que uma nova vida esperava por ele, uma renovação de sua existência."[6]

"Em poucas palavras, a partir dessa concepção concluímos que eles integravam a morte na vida divina: de acordo com os conceitos da crença egípcia, a divindade é um ser que mostra sua verdadeira natureza quando ressurge da morte."[7]

"A propósito, é preciso saber que a religião do Antigo Egito, como a conhecemos, consistia essencialmente em uma religião de Estado. Os testemunhos de devoção individual são raros."[8]

Cristo e a fênix

O fato de Lactâncio utilizar esse tema em sua apologia fala por si mesmo. Há inúmeras referências e conjeturas sobre seus motivos. O simbolismo da fênix pode ser relacionado a Cristo. No esforço de elevar o cristianismo do nada absoluto, utilizou-se o mito da fênix, que recebeu uma interpretação cristã. Para dar ao cristianismo uma aura clássica, era preciso destacar sua ascendência egípcia.

Sabemos que muitos povos utilizaram o mito da ressurreição em seus textos sagrados. Por essa razão, também compreendemos quando Paulo diz: "A morte foi tragada pela vitória. Morte, onde está

teu aguilhão? Inferno, onde está tua vitória?" (Cor. 15:55). J. van Rijckenborgh diz enfaticamente em suas *Últimas palavras de informação e advertência*: "Do Egito chamei meu Filho!"[9] E continua: "No que diz respeito à humanidade atual, só existiram dois períodos: o egípcio e o cristão. O período egípcio produziu o período cristão e o influenciou, pois está escrito: 'Do Egito chamei meu Filho' e foi esse Filho que anunciou o período cristão".

Segue aqui o texto de Lactâncio[10] traduzido de uma versão alemã:

A fênix

No longínquo Oriente, onde repousa a abóbada celeste
e os portais da eternidade parecem próximos,
fica uma região venturosa, isolada e solitária.

Não é fustigada pelo verão, nem pelo gelado inverno.
Irradia ali somente o Sol da primavera.
A perder de vista estendem-se planícies,
em nenhum lugar se erguem montes,
nem se abrem precipícios.

No entanto, aquele lugar sublime
sobrepuja em doze côvados
as mais altas de nossas montanhas.

Lá está o bosque do deus Sol,
repleto de magníficas árvores, plantas luxuriantes,
verdejante em perene folhagem.

Quando o fogo de Faetonte[11]
outrora queimou a abóbada celeste,
do calor das chamas
foi inteiramente poupado aquele lugar;
e quando o dilúvio submergiu nas águas
o globo terrestre, ergueu-se ele totalmente só,
acima do mar de Deucalião[12].

Doença não se acha ali, nem a ranzinza velhice,
nem a morte cruel, nem o horripilante pavor,
nem o perverso vício, nem a cobiça insensata,
nem a terrível cólera, nem também
a avidez do assassínio.

Ausente dali estão a amarga tristeza
e a pobreza com seus farrapos,
ausente está a imagem da fome
com o tormento da preocupação.

Tempestade não existe ali,
nem a agitação dos ventos,
nem cobre a terra a geada que à noite cai.
Jamais nuvem alguma
envolve a campina coberta de neve,
nem caem do céu copiosas águas turvas.

Mas, há ali uma fonte que se chama Vivente,
abundante em água clara, mansa e transparente.

Uma vez a cada mês, ela transborda
e irriga inteiramente o arvoredo em doze torrentes.
Esguia, com magnífico tronco,
eleva-se ali uma árvore
cujos frutos maduros nunca tocam o chão.